

## O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: EM BUSCA POR UM ENSINO SIGNIFICATIVO

**Adriana Sanches de Almeida<sup>i</sup>**  0009-0007-0598-1409

Centro Universitário UniFatecie

**Adriana Aparecida Rodrigues<sup>ii</sup>**  0000-0002-4694-4723

Centro Universitário UniFatecie

**RESUMO:** O presente estudo tem como temática o ensino de história na educação básica. Possui como objetivo, analisar a importância do uso de metodologias diversificadas no ensino de história na educação básica, em prol de desenvolver um ensino significativo. Para atender esse proposto, realizamos um estudo bibliográfico de cunho qualitativo, embasado no materialismo histórico e dialético. A pesquisa

apontou que o ensino de história na educação básica é caracterizado pela presença de desafios, em consequência da estruturação da disciplina como ciência. Nesse contexto, atualmente a utilização de metodologias significativas tendem a minimizar os desafios existentes, contribuindo para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, bem como, para o desenvolvimento humano do educando.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de história. Metodologias significativas. Educação básica.

## THE TEACHING OF HISTORY IN BASIC EDUCATION: IN SEARCH OF MEANINGFUL TEACHING

**ABSTRACT:** The present study focuses on the teaching of history in basic education. Its objective is to analyze the importance of using diversified methodologies in history teaching in basic education to develop meaningful teaching. To achieve this objective, we conducted a bibliographic study with a qualitative approach, based on historical and dialectical materialism. The research indicated that the teaching of

history in basic education is characterized by the presence of challenges, as a result of the structuring of the discipline as a science. In this context, the current use of meaningful methodologies tends to minimize existing challenges, contributing to the development of the teaching and learning process, as well as to the human development of the student.

**KEYWORDS:** History teaching. Meaningful methodologies. Basic education.

## 1. Introdução

A pesquisa tem como tema o ensino de história na educação básica. Ressaltamos que o ensino de história é de grande relevância por proporcionar ao aluno um entendimento social, tanto individual como coletivamente, das relações desenvolvidas em sociedade. Em decorrência de o homem ser um indivíduo “[...] que vive em sociedade, em uma determinada organização do espaço, no qual para viver, ele necessita transmitir à geração mais nova o conhecimento que acumulou no seu devir histórico.” (Rodrigues, 2018, p. 10). Esse encaminhamento ocorre no ambiente escolar, em especial na disciplina de história. É importante ressaltar que, a História emboga as ações humanas “[...] num processo de constante transformação. Assim sendo, o homem é considerado com sujeito de sua história e da história dos homens com os quais convive, e a sociedade em que vive está em constante movimento” (Garetta, 1993, p. 90).

Nesse contexto, esta pesquisa levanta o seguinte problema: qual a necessidade do uso de metodologias diversificadas no ensino de história na educação básica? Partimos do pressuposto de que o ensino de história na educação básica é marcado por muitos desafios, em decorrência da estruturação da disciplina, enquanto ciência, que inicialmente seguia um viés tradicionalista, por uma visão positivista. Com base neste questionamento, este trabalho busca apresentar como a utilização de metodologias diversificadas contribui para o desenvolvimento processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, como objetivo, a presente pesquisa visa analisar a importância do uso de metodologias diversificadas no ensino de história na educação básica. Para tanto, será realizado um estudo bibliográfico de cunho qualitativo, no qual será descrito inicialmente a historicidade da disciplina de história no ambiente escolar. Conseqüentemente, será abordado a importância do estudo da história e, por último, será identificada a contribuição de metodologias diversificadas no ensino de história.

A escolha dessa temática se encontra atrelada a dois posicionamentos. Primeiramente referente à forma ser ensinada a disciplina de história na educação básica, que em um aspecto geral, segue a utilização de metodologias tradicionais, que não acompanharam as transformações nas práticas pedagógicas. Em um segundo posicionamento, refere-se à formação do graduado em licenciatura, em especial no curso de pedagogia, haja vista que, o acadêmico, ao término da graduação se encontra habilitado a ministrar aulas nos anos iniciais do ensino fundamental, na disciplina de história utilizando-se das metodologias diversificadas existentes para o ensino de história dando mais sentido para as aulas e para os alunos durante

o processo ensino e aprendizagem, bem como, orientar como pedagogo, professor graduados em história. Nesse contexto, deverá ter a formação para desenvolver sua prática pedagógica de forma qualitativa, que favoreça o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

## 2. A historicidade da disciplina de história no ambiente escolar

Esse momento da pesquisa tem como desígnio descrever a historicidade da disciplina de história no ambiente escolar no Brasil. Para tanto, se torna imprescindível realizar uma contextualização histórica sobre a implantação da disciplina de história no contexto escolar, haja vista que os interesses (econômicos e políticos) presentes em sua implantação influenciaram na construção do currículo escolar brasileiro.

Sobre o estudo de história, Germinari (2008) no texto nomeado *Metodologia do ensino de história*, afirma que, no século XVIII, o estudo da história encontrava-se centralizada na política, nos feitos políticos. Essa forma de estudo era fortemente defendida por Leopold Von Ranke (1795-1886), no qual a história realizava investigações políticas, e tinha como base, documentos de arquivos oficiais, sendo que, “O movimento inspirado nas ideias de Ranke tornou-se hegemônico, não dando margens para outros tipos de história” (Germinari, 2008, p. 149).

Germinari (2008) ainda elucida que, no século XIX, as grandes revistas de História centralizavam-se somente no caráter político, o que não fosse de caráter político não ganhava renome e não era reconhecido como história. Nesse contexto, temos o surgimento da história como disciplina curricular na França “[...] no contexto da tradição rankeana das lutas burguesas, do nacionalismo, da formação dos Estados-Nação e do enfrentamento pelos seguimentos dominantes as reivindicações proletárias feitas na Comuna de Paris” (Germinari, 2008, p. 149). Em função disso, a disciplina tinha o “[...] objetivo de afirmar a importância da classe burguesa, serviu também para justificar e consolidar os ideais nacionalistas”.

No Brasil, segundo Bittencourt (2008), o estudo da história começa a fazer parte do currículo escolar, inicialmente como planos de estudos, sendo trabalhado na primeira escola pública de nível secundário, no ano de 1837 com intuito de criar uma identidade nacional. Durante o século XIX, em que o Brasil era regido pelo imperador Dom Pedro II, que governou entre 1822 até 1889, de acordo com Nadai (1993), o ensino de história centralizou-se “[...] no colonizador português, e depois, no imigrante europeu e nas contribuições paritárias de africanos e indígenas. Daí a ênfase no estudo dos aportes civilizatórios – os legados pela tradição liberal européia” (Nadai, 1993, p. 149).

Vale ressaltar que, no Brasil os conteúdos se centralizavam na historiografia européia, que por sua vez era apresentada como a verdadeira história das civilizações, sendo que a história da nação (no caso o Brasil) continuava em segundo plano, ocupando um papel secundário. Além disso, o número de aulas era baixo (Rodrigues, 2018).

No final do século XIX, no Brasil influenciado pelo positivismo deram origem a história tradicional. “A história tradicional pretendia uma investigação científica objetiva, que buscasse verdade dos fatos acontecidos, afastando qualquer especulação interpretativa em suas análises” (Germinari, 2008, p. 150). Desta forma, o ensino de história continuava estudando os feitos políticos, as datas, estudo dos heróis, mas agora a nível nacional. Conseqüentemente descrevia “[...] um país irreal, mascarando as desigualdades sociais, a dominação oligárquica e a ausência de democracia social” (Nadai, 1993, p. 150).

Nessa configuração, o ensino de história passa a ser explicado por meio de uma cronologia. “A história tradicional, atenta o tempo breve, ao indivíduo e ao acontecimento” (Braudel, 1990, p. 09). Destacando sempre uma vertente da história. No ponto de vista de Nadai (1993, p. 152), “A república, desde o início, tratou de cuidar da constituição da galeria dos heróis nacionais, pela instituição tanto dos feriados e festas cívicas quanto pela seleção dos personagens a serem cultuados”. A partir dessa afirmativa, evidenciamos que o ensino de história se configurava com um sentido ideológico, destinado a formação de um sentimento de nação, a uma conformação das ações políticas desenvolvidas em território nacional.

No final do século XIX, o estudo da história começou a ser ampliado, no qual não se limitava apenas a política, mas passou interagia em outros segmentos, como: Estado, religião, cultura, classes menos favorecidas, família, moralidade, estruturas econômicas, entre outras. Mesmo com o aparecimento dessas novas abordagens no estudo da história, o ensino não deixou de ter o seu caráter político, mas possibilitam mudanças na forma de pensar e de ensinar história e conseqüentemente se conceber como sujeito histórico. “Os historiadores começaram a respeitar aquelas dimensões dos estudos históricos onde necessidades, interesses e propósitos apareciam como fatores determinantes do pensamento histórico” (Rüsen, 2006 apud Rodrigues, 2018, p.16).

Nesse sentido, ressaltamos que “Uma nova perspectiva para o ensino de História não pode ficar limitada a uma concepção de história que destaque apenas as classes dominantes” (Germinari, 2008, p. 153). É preciso que, o ensino de história perpassasse por um viés totalizador, mostrando as diferentes versões dos fatos históricos e interesses e exploração presentes nos mesmos. Na interpretação de Braudel (1990),

A recente ruptura com as formas tradicionais do sec. XIX não implicou uma ruptura total com o tempo breve. Operou, como se sabe, em proveito da história econômica e social e em um abalo e uma renovação inegáveis; deram-se inevitavelmente, transformações metodológicas, deslocamento de centros de interesse com a entrada em cena de uma história quantitativa, que com toda certeza, não disse ainda a sua última palavra (Braudel, 1990, p. 10).

Nesse direcionamento, em 1950, a disciplina de história passou a ter um papel mais aprofundado. Contudo, “Apesar da superação de simples memória ou registro objetivo e imparcial o conteúdo ainda era direcionado para um discurso explicador, unívoco, generalista totalizador e europocentrista” (Nadai, 1993, p. 155). Esse contexto é marcado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial e as práticas pedagógicas passaram a passar a escola secundária, tendo-se a experimentação de “[...] currículos, métodos de ensino, conteúdos e práticas pedagógicas; inovações direcionadas, via de regra, para a interdisciplinaridade e para a aceitação do aluno como co-responsável pelo seu processo educativo” (Nadai, 1993, p. 155).

Com a ditadura militar, ocorreu um retrocesso no ensino de história. “Escolas fechadas, professores e alunos presos e respondendo a processos-crimes foram algumas das formas usuais de tratamento por parte dos novos donos do poder.” (NADAI, 1993, p. 157). É importante destacar que, durante o período ditatorial, temos a implantação da disciplina de Estudos Sociais, que representa a junção das disciplinas de História e geografia em uma única disciplina. Penteado (1994, p. 21) afirma que, a disciplina de Estudos Sociais foi “[...] implantada no curso de 1º grau, ao longo de suas oito séries, com programas tipo “coquetel cultural”, que durou ao longo de doze anos”. Que no 2º grau, recebeu o nome de Metodologia do Ensino de Estudos Sociais.

Após o término da ditadura militar, se tem a readequação do sistema educacional “[...] currículo, programas e métodos e o redirecionamento da escola fundamental [...]” (NADAI, 1993, p. 158), agora sobre o viés da democratização, que por sua vez, está relacionado aos interesses econômicos e políticos. Com base no exposto, concordamos com Oliveira (2017), que afirma que,

É possível voltar no tempo, ou nos acontecimentos históricos, e constatar com base em documentos oficiais, o quanto o ensino de História foi e continua sendo influente na sociedade século após século. Portanto, nota-se contemporaneamente, que a História enquanto disciplina escolar, não é considerada relevante por algumas instituições de ensino. Mesmo diante dessa triste realidade, não podemos deixar de lembrar, que a História sempre foi parte essencial do currículo escolar da educação básica. Mesmo no período colonial, com o ensino jesuíta, ela estava lá, na forma de História Sagrada ou de Histórias de vidas de santos (hagiografia). Às vezes seus conteúdos se combinaram com os de geografia, dando origem à

disciplina de Estudos Sociais. Mas, mesmo disfarçada, ela de modo algum esteve ausente (Oliveira, 2017, p. 05).

De acordo com Malheiros e Cainelli (2016), a história (ciência), enquanto disciplina presente na grade curricular, passou por várias mudanças estruturais, desde sua sistematização e efetivação no currículo escolar, no século XIX, até os dias atuais, no século XXI. Mudanças estas que foram permeadas “[...] por diferentes concepções de História e de tendências historiográficas” (Schmidt; Cainelli, 2010, p. 12). Logo, deve ser levado em consideração que o desenvolvimento do ensino de história no Brasil traz consigo marcas do passado, no qual o interesse desse ensino está marcado pelo poder. Poder esse representado pela figura do Estado e da elite. Mas as readequações existem, haja vista que, “O conhecimento histórico escolar tem o desafio de superar tal obstáculo” (Germinari, 2008, p. 153). O ensino volta-se ao desenvolvimento do espírito crítico, e estabelece como objetivo de transformar que os indivíduos assumam a sua condição de sujeitos históricos.

Ressaltamos que o ensino de história é complexo e amplo, haja vista que, não se limita a transmissão dos acontecimentos do passado, justamente por ser preciso “[...] que o homem se compreenda como sujeito histórico, seja um agente ativo das ações em curso na sociedade” (Rodrigues, 2018, p. 36). Dessa, maneira, se faz necessário, possuir uma compreensão da estruturação que são decorrentes das modificações socioeconômicas, políticas e culturais na sociedade.

Contudo, é possível verificar, que sem o ensino de História, seríamos um povo impossibilitado de conhecimento histórico, de saber cultural, de relações interpessoais, de compreensão de mundo e sociedade (política, economia, tempo, espaço, diversidade, grupos, comunidades, fontes, registros escritos, patrimônio sociocultural, etc.), isso, se caso não tivéssemos acesso ao estudo de História em nossas escolas, e em nossa sociedade contemporânea (Oliveira, 2017, p. 07).

Nesse viés, podemos compreender que a história é um processo de lutas e embates ao longo dos tempos, e controle do poder. Por meio do estudo da história podemos compreender nossa vida, assim, como coletivamente. Consequentemente entendendo o presente por meio do estudo crítico em relação ao passado e nos orientando para o futuro. Na realidade, tudo que se encontra em nossa volta tem um por que, tem sua historicidade, que pode ser explicada por meio da história, haja vista que, história é vida

### **3. A importância do estudo da história**

Esse momento da pesquisa tem como finalidade apresentar a importância do estudo da história para o desenvolvimento humano. Para tanto, consideramos importante realizar algumas notas sobre a abrangência do ensino de história, que não se limita a ensinamentos científicos. A esse respeito, Penteadó (1994, p. 18), escreve que, “A História procura estudar o homem através dos tempos, nos diferentes lugares em que tem vivido. Investiga permanências e mudanças ou transformações de seu modo de vida, no empenho de compreendê-las”. Proporcionando um entendimento do indivíduo enquanto sujeito histórico, um ser social. Dessa forma,

Os processos de aprendizado da História precisam ser pensados para além de serem considerados como processos dirigíveis e controláveis, mas, em que pese o fato de estar ainda em construção uma teoria da aprendizagem histórica referenciada em uma cognição situada na própria História, isso pode ser fecundado por concepções teóricas do aprendizado histórico que tenham como finalidade principal a formação e desenvolvimento da consciência histórica, constituindo-se, assim, a possibilidade de uma relação mais orgânica (Oliveira, 2017, p. 17).

A autora, ainda enfatiza que, se hoje o ensino de história não existisse, não teríamos acesso aos acervos dos conhecimentos históricos produzidos por grandes historiadores e também formados por pessoas que viveram décadas antes de nós. Assim, nota-se, que sem a aprendizagem de história, seríamos pessoas sem senso crítico, perante o passado, frente à investigação dos fatos, e das novas descobertas na visão de (passado x presente x futuro).

Ao estudar história, estamos nos conhecendo melhor e “[...] nos ajuda a desnaturalizar as coisas e a perceber a ação humana através do tempo. Leva-nos a compreender que, da mesma forma, as coisas nem sempre foram como são como também não o serão para sempre” (Boschi, 2007, p. 10). Dessa forma, “A História faz parte de nossas vidas porque somos seu sujeito (nós a transformamos) e também seu objeto (ela nos modifica)” (Boschi, 2007, p.11). Conforme Rodrigues (2018), quem se oferece a estudar história, almeja compreender a sua realidade, a si mesmo e a sua relação com os outros homens.

Na interpretação de Boschi (2007), em grande parte o estudo mais aprofundado da história parte por iniciativa pessoal, mas a análise histórica deve ser de caráter coletivo, já que aponta a ação coletiva do homem em sociedade, e mesmo estudando a respeito de um personagem na construção histórica, é preciso estudar todo o contexto histórico dessa pessoa, ou seja, todo o seu momento histórico em ambos os aspectos. Assim, o estudo de história não se destina a apenas profissionais da área, existem várias pessoas que leem, que fazem pesquisas e realizam seus estudos históricos independente da área profissional, tanto que existem várias ferramentas para isso, não só os livros, como as pessoas se referem ao estudar

a história, existe revistas especializadas na área, além também dos fatos históricos, as histórias contadas e passadas em novelas, filmes, minisséries de época entre outros, reproduzem contexto histórico diferenciado do presente.

Entretanto, Boschi (2007) afirma que, é preciso ficar atento as armadilhas muitas vezes apresentadas por essas ferramentas históricas, principalmente representadas por meio “[...] de jogos, minisséries televisivas ou por meio de revistas de grande circulação” (Boschi, 2007, p. 13), por estarem muitas vezes marcadas pelo presente, não sendo fiel aos acontecimentos do passado. Apontamos que a história, por possuir uma dimensão temporal, referente á existência humana, acaba se diferenciando dos demais campos do conhecimento (filosofia, religião, ciências humanas, entre outras), por apresentar reflexão humana embasado nos acontecimentos históricos, ela nos possibilita apontar, agir e superar alguns problemas no presente, momentos de crise por exemplo. Nesse cenário, vemos que acontecimentos do passado agem sobre a realidade, no qual a história se torna uma necessidade social e humana, em prol do progresso, avanços sociais entre outros segmentos da sociedade.

Mas há “[...] indivíduos e grupos contrários aos avanços sociais” (Boschi, 2007, p. 15), que se utilizam da história para “[...] garantir o poder e manter seus privilégios” (Boschi, 2007, p. 15), por meio da manipulação dos fatos históricos, tirando a historicidade dos fatos, e neutralizando os mesmos. Desta forma, a história pode ser utilizada positivamente ou negativamente, dependendo do ponto de vista de quem a usa. Nesse sentido, partindo do ponto de vista que a história é interpretada de acordo a cada período histórico, é possível afirmar que a história é reescrita continuamente.

Assim sendo, salientamos que, “[...] deve-se refletir sobre as informações que temos contato, a fim de agir, filtrando-as por meio do senso crítico, e não recebendo as mesmas de forma passiva” (Rodrigues, 2018, p. 38). Em função disso, entende-se que, “História é a ação, dinâmica, processo. Sendo assim, é espaço de conflitos e contradições” (Boschi, 2007, p. 27), não permite uma única definição. Consequentemente, o conceito de história é feito de acordo com cada realidade social, contexto e época, sendo reescritas de acordo com novo conhecimento histórico.

#### **4. Ensino de história: metodologias de ensino**

Esse momento da pesquisa tem intuito identificar a contribuição de metodologias significativas no ensino de história. Dessa maneira, se faz necessário primeiramente descrevermos algumas metodologias existentes no ensino de história. Ressaltamos

inicialmente que é preciso levar em conta no ensino de história temos a presença de vários desafios, como:

Conceber o aluno como sujeito histórico; · partir da realidade do aluno para ensinar História; · colaborar com a formação do pensamento crítico entre os estudantes; · educar para desenvolver a solidariedade entre os alunos e na comunidade em que vivem. · trabalhar com temas transversais e com novas temáticas (direito das crianças, adolescentes e idosos, · história e cultura afro-brasileira e indígena) (Fermiano; Santos, 2013, p. 09).

Tais desafios devem ser superados gradativamente, no desenvolvimento da ação pedagógica docente. A fim de formar no aluno uma construção do conhecimento histórico, haja vista que ensinar história para o aluno faz com que ele não aprenda apenas os acontecimentos do passado, mas que ele entenda como era o processo de produção material e as relações sociais desenvolvidas ao longo dos anos. Consequentemente possibilita ao mesmo ver que todos nós temos uma história, que carregamos ao longo de nossas vidas, e que este estudo não precisa ficar preso somente em livros ou recortes antigos, mas que podemos complementar esse ensino com objetos, fotografias, pesquisas, música, entre outros.

Nesse contexto, ressaltamos que, atualmente, o professor de história pode contar com vários recursos para o ensino da sua disciplina, como as fontes históricas, que possuem uma grande amplitude, pode ser: “Fontes Escritas, Fontes Iconográficas/Visuais ou Audiovisuais, Fontes Orais” (Santana, 2015, p. 126). Vale ressaltar que, as fontes históricas, “[...] como o próprio nome diz, constituem-se de ‘fontes’, o substrato, a matéria-prima, que possibilitam ao historiador a reconstituição do passado.” (Santana, 2015, p. 126). Segundo Xavier (2010), “Nas últimas décadas, o conceito de fonte histórica ampliou-se significativamente, e elas passaram a ser vistas como vestígios de diversas naturezas deixados por sociedades do passado” (Xavier, 2010, p. 1099).

“Na busca por mudanças em relação ao ensino da história escolar, pesquisadores vem apresentando novas perspectivas metodológicas” (Santana, 2015, p. 126). Para utilizar boas metodologias, o professor precisa construir um roteiro de análise para os alunos, haja vista que, várias são as possibilidades de metodologias diversificadas durante o ensino de história, o professor pode utilizar durante as explicações as fontes históricas.

Sobre as fontes históricas, Santana (2015) detalha cada uma delas. As fontes escritas são muito variadas, seu suporte principal se apresenta em papel, a exemplo de ofícios, legislações, jornais, revistas, cartas, diários, dentre outros. Assim, o uso de jornais e revistas é uma imprensa escrita muito rica e diversa, mas vale lembrar que nenhuma fonte é inocente que ela sempre terá suas questões e aspectos ideológicos. “Partindo desse pressuposto,

devemos alertar nossos alunos sobre essas nuances, considerando que a análise dos jornais deve ser conduzida como inquérito, sempre questionando sobre o que nele é informado.”, percebendo que todo testemunho histórico ele é carregado de subjetividade, como tudo que é humano, assim deve-se sempre questionar aquilo que lhe é informado (Santana, 2015, p. 128). O fato é que “A visão de mundo presente nos jornais é algo que deve ser enfatizado pelos professores, preparando os discentes para identificar o posicionamento favorável ou contrário em relação ao conteúdo trabalhado” (Santana, 2015, p. 128).

A literatura constitui-se de fonte bastante rica e contribui extremamente para a escrita da história na atualidade. Ela exprime a representação das ações dos seres humanos no tempo. Nesse cenário a história busca na literatura as ações de diferentes grupos sociais, “Assim sendo, a literatura constitui-se numa fonte que diz muito sobre determinada realidade histórica, mostrando como os homens se relacionam com as questões de seu tempo.” (Santana, 2015, p. 130). Logo, podemos fazer com que os alunos reflitam sobre os conteúdos históricos de forma diferenciada, levando o ao encontro da literatura com o seu processo de construção, da sua mentalidade histórica.

Outra fonte histórica é a não escrita, no qual temos as iconográficas/visuais ou audiovisuais, que ligam se as imagens e sons, que podem ser de forma variada, a exemplo de quadros, imagens, figuras, filmes, músicas, dentre outras. A partir desses levantamentos Santana (2015) afirma que, o recurso audiovisual mais precisamente a música pode ser muito utilizada em sala de aula tornando a compreensão das realidades históricas mais prazerosas, haja vista que a música é um instrumento de transformação, ela pode revelar muitas vezes situações de vivências da história da humanidade, por meio das representações de seus compositores.

Já a utilização de filmes pode revelar diversas situações históricas, por se constituir numa representação sobre determinada realidade e como toda obra de ficção pode apontar a possibilidade de concretização, ele amplia o nosso foco de observação, levando-nos além, por meio da imaginação. Contudo, o filme também é marcado por intencionalidades, cabendo ao professor elencar os pontos que devem ser analisados no filme (Santana, 2015). Por sua vez, a imagem, a fotografia constituem se de uma imagem registrada com objetivo de perpetuar uma memória. Na interpretação de Santana (2015), a foto como fonte histórica, tem um importante papel contribuindo para o reconhecimento de realidades que muitas vezes não foram contempladas em documentos tradicionais, a exemplo dos escritos.

Além do uso da fotografia, também se destaca no uso de imagens de maneira geral: pinturas, ilustrações, figuras, gravuras, desenhos e representações diversas, e com objetos

(artesanato, arte) também tem se configurado como recurso no ensino de história utilizando as para expressar um pensamento. As imagens e os objetos eternizam uma memória, no qual conduzem uma mensagem, revelar um olhar.

As fontes orais, por sua vez, estão relacionadas aos “arquivos humanos”, representa à memória viva e vivida, cada pessoa utilizando da oralidade pode falar sobre determinada realidade histórica vivenciada, por meio de depoimento, entrevista, discurso e outras formas de expressão por meio da linguagem falada. Em função disso, Santana (2015) reforça que, uma das primeiras atividades a ser instigada desde os primeiros anos de estudo, é a história de vida, na qual os alunos buscam conhecer sua própria história, e é por meio dos relatos e depoimentos coletados pelos membros da sua família, demonstrando que somos partícipes da história.

Assim, para trabalhar com as fontes históricas é preciso que o professor primeiramente se atente, que “[...] é importante que o professor planeje com cuidado a utilização dos referidos recursos, relacionando-os com os conteúdos e objetivos definidos para cada aula. Segundo, é preciso que o docente saiba selecionar os documentos e prepare os alunos para o contato com eles” (Santana, 2015, p. 127). O fato é que “Nunca devemos considerar apenas uma fonte como verdade, mas buscar a verdade através do controle de variadas fontes” (Santana, 2015, p. 138). Desta forma, é fundamental diagnosticar o nível da turma primeiro, começando com o uso de documentos de fácil compreensão e a partir do desenvolvimento dos discentes, sempre observando a capacidade da turma.

Segundo Rodrigues (2018), diante da importância do ensino de história, levando em consideração o contexto histórico da disciplina escolar torna-se necessário enfatizar que, a utilização destas fontes históricas deve ocorrer de forma diversificada e por meio de procedimentos metodológicos diferentes. A esse respeito, Xavier (2010) afirma que,

Não é recente a ideia de que pressupomos que os alunos entram em contato com a História especialmente através de meios de comunicação, como televisão, games, imagens, história em quadrinhos (HQs), canções, enfim, uma série de objetos que fazem parte do cotidiano das sociedades atuais. Pelo mesmo motivo, esses elementos podem permitir ao aluno que recrie a História em sua estrutura cognitiva, ainda que, em um primeiro momento, partindo de sua própria vivência, de seus valores e tradições. Os alunos, quando adentram o universo escolar, possuem ideias tácitas sobre os acontecimentos ou instituições históricas e essas ideias funcionam com fonte de hipóteses explicativas na senda de compreender o passado, as instituições, as pessoas os valores, as crenças e os comportamentos (Xavier, 2010, p. 1101-1102).

A partir dessa afirmativa, no sentido de tornar as aulas mais participativas, dinâmicas, aprenda o conhecimento historicamente produzido e estabeleça relação com o mesmo

enquanto sujeito histórico, o professor pode utilizar-se de diversos procedimentos metodológicos, como:

- montagem de sequências cronológicas; · entrevistas; · elaboração de textos escritos;
- estudos de periódicos; · trabalho com literatura infantil, quadrinhos, filmes, documentários, desenhos animados; · trabalho com imagens (desenhos, pinturas, fotografias) e com objetos (artesanatos, arte); · trabalho com música e com dança; · jogos; · observação de monumentos; casas, prédios; · visitas a museus (Fermiano; Santos, 2013, p. 137).

Referente à montagem de sequências cronológicas, enfatiza-se que os alunos possam perceber a sequência de fatos históricos descrito pelo professor, de forma que o mesmo pode observar que na sua vida existe uma sequência cronológica. Assim, os alunos devem começar a “[...] sequenciar acontecimentos, descrevendo um padrão que segue a percepção que têm de suas próprias vidas, por exemplo, sabem que quando é bebê, se engatinha, ou que ‘não conheci meu avô, porque ele morreu antes de eu nascer’” (Fermiano; Santos, 2013, p. 142). Nesse sentido, faz-se necessário que, o professor trabalhe do simples para o óbvio, associando as modificações relacionadas a essas sequências cronológicas.

Já as entrevistas proporcionam um envolvimento ativo, por “[...] propiciar aos alunos o estabelecimento de uma relação identitária, na qual os discentes são envolvidos no processo de coleta das fontes e entram em contato com a memória relatada pelas pessoas.” (Santana, 2015, p. 144). Fazer planejamento da entrevista e reflexão sobre as informações obtidas, sendo reforçada com pesquisas bibliográficas.

Sobre a elaboração de textos escritos, salientamos que a escrita de textos por parte dos alunos deve ser orientada pelo professor. Todavia, a utilização de um documento, uma fonte escrita sempre deve ser contextualizada, além de observar as questões ideológicas existentes presentes no mesmo. Vale frisar que, os estudos de periódicos “São úteis na aula de História tanto textos antigos como atuais” (Fermiano; Santos, 2013, p. 164).

É importante ressaltar que, os trabalhos desenvolvidos com literatura infantil, quadrinhos, filmes, documentários, desenhos animados tem-se mostrado um excelente recurso para o ensino de história. Contudo o uso da literatura é polêmico, por se tratar de uma ficção, mas “[...] vala-se de narrativas não necessariamente compromissadas com acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam e representam a si mesmas e ao mundo no qual estão inseridos” (Santana, 2015, p. 30). O fato é que sua utilização é mostrar outros tempos e lugares (mesmo de forma imaginária e irreais).

Já o trabalho com o cinema, documentário e animação são excelentes recursos aliados ao ensino de história, sendo exibidos parcialmente ou na íntegra, desde que sejam planejados pelo professor. Referente à utilização de jogos, Fermiano e Santos (2013) relatam que esta ferramenta é muito útil e bem aceita no ensino de história. Os jogos cumprem diversos objetivos, como: “[...] buscar diferentes informações para compreender um fato; identificar semelhanças e diferenças entre ações ou observações; atentar-se as permanências e mudanças que ocorrem a sua volta; buscar coerência nas respostas” (Fermiano; Santos, 2013, p. 255), entre outros.

As visitas a museus sejam eles históricos, de arte, biográficos, comunitários, de bairro/cidade, temáticos, tendem a estimular a imaginação, além de fazer com que apurem ainda mais o olhar sobre o fato histórico. O professor ao optar em fazer uma dessas visitas, precisa antes ir até o lugar, a fim de conhecer e saber as particularidades do local. Ao ir com os alunos, apresentar o objetivo que se quer com essa visita, tendo em vista uma fonte de estudo. Seguindo esse direcionamento, a observação de monumentos, casas prédios também é uma forma de observar as transformações históricas, que por sua vez, tem a questão de uma sociedade socioeconômica, política e cultural. A observação ela deve ser planejada, almejando um olhar mais crítico, já que “[...] nos dizem muita coisa sobre as possibilidades materiais e cultura do período em que eram feitos” (Fermiano; Santos, 2013, p. 222).

Hoje, os professores têm a sua disposição uma gama variada de bibliografia com sugestões de como usar o cinema, a música, as novas linguagens, o teatro, o jornal, a literatura infantil em sala de aula. Mas, também os próprios professores acostumados a essa nova postura têm condições de identificar e produzir materiais de ensino. É importante compreendermos que a utilização de “novas linguagens” não só motiva os alunos, mas auxilia no trabalho do professor (Fermiano; Santos, 2013, p. 138).

Com base nos dados apresentados, percebemos que a utilização de metodologias significativas tende a contribuir para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na disciplina de história. Tais metodologias oferecem oportunidades para um entendimento mais profundo e significativo dos eventos históricos, facilitando a conexão dos alunos com os conteúdos. Ao integrar elementos culturais e midiáticos no ensino, como filmes e músicas, os professores conseguem tornar as aulas mais atrativas e próximas da realidade dos estudantes.

Além disso, o uso dessas novas linguagens promove um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo. Por exemplo, a utilização de filmes históricos pode proporcionar

uma visualização concreta dos eventos, enquanto a música pode ajudar a contextualizar períodos históricos e transmitir as emoções da época. O teatro e a literatura infantil podem ser usados para recriar situações históricas e tornar a aprendizagem mais lúdica e envolvente.

Essas metodologias também permitem uma abordagem interdisciplinar, no qual o ensino de história se conecta com outras áreas do conhecimento, enriquecendo a formação integral dos alunos. Por exemplo, ao trabalhar com jornais antigos, os alunos não apenas aprendem sobre história, mas também desenvolvem habilidades de leitura crítica e análise de fontes primárias.

## 5. Considerações finais

Diante do exposto, concluímos que o desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da trajetória do ensino de história e como o uso de metodologias significativas no ensino de história na educação básica tende a contribuir com o desenvolvimento no processo ensino e aprendizagem. Tendo em vista que a sociedade está em constante transformação, assim é preciso avançar nos meios de ensino para proporcionar ao aluno um entendimento social, tanto individual como coletivamente, das relações desenvolvidas em sociedade.

Ao estudar história podemos ver que o ensino sempre teve caráter político, inclusive no Brasil, nunca enfatizando os acontecimentos gerais, e com a chegada da ditadura militar houve a abolição do ensino e no final da ditadura, o ensino volta, mas com uma carga menor, fragmentado e com o nome de estudos sociais que englobava história e geografia. Nesse contexto, o ensino de história na contemporaneidade reflete sua atribuição histórica, além de estar correlacionados a estruturação e desenvolvimento da educação de forma sistematizada no ambiente escolar.

É importante frisar que o ensino de história encontra-se presente nas políticas educacionais no Brasil. Diante dos diversos desafios existentes e dentro das limitações docente no ensino de história, enfatiza-se a utilização dos diversos recursos que o professor de história pode utilizar durante suas aulas no qual se destacam no estudo. A utilização de fontes históricas de forma diversificada e alterada.

O fato é que a utilização de metodologias significativas no ensino de história, reflete na formação do aluno, possibilitando sua compreensão e entendimento como sujeito histórico. Dessa forma, não contribui apenas para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem, faz com que possibilite a uma contribuição social, haja vista que, o ensino de história demonstra os diversos conflitos e contradições na sociedade, fazendo com que se

reflita no entendimento individual e coletivo. Dessa forma mesmo diante de todos os desafios existentes durante o ensino e aprendizagem deve se propiciar um ensino totalizador, superando os meios de ensino tradicional e se apropriando cada vez mais de metodologias que acompanhe o desenvolvimento da sociedade.

Por fim, a adoção de metodologias significativas pode ajudar a superar alguns dos desafios tradicionais do ensino de história, como a memorização mecânica de datas e fatos. Ao invés disso, os alunos são incentivados a compreender os processos históricos, analisar causas e consequências, e desenvolver um pensamento crítico sobre o passado e seu impacto no presente. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos. Portanto, a utilização de metodologias significativas no ensino de história é essencial para tornar o aprendizado relevante e envolvente para os alunos, facilitando uma compreensão mais profunda e duradoura dos acontecimentos históricos.

## Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. 6. ed. Lisboa: Presença, 1990.

FERMIANO, Marlene Barros; SANTOS, Ana Silvana dos. **Ensino de história para o fundamental 1: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2013.

GARETTA, Denise Garcia. Uma proposta para o ensino de história e geografia: pré-escola e séries iniciais. **Ensino em Revista**, v. 02, n. 01, p. 89-100, jan./dez. 1993. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7780>. Acesso em: 20 maio 2024.

GERMINARI, Gilberto Donizete. Metodologia do ensino de história. *In*: PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO E EDUCAÇÃO. **Fundamentos teóricos-metodológicos das disciplinas da proposta pedagógica curricular, do curso de formação de docentes: curso de formação de docente – normal, em nível médio**. Curitiba: SEED, 2008. p. 149-153.

MALHEIROS, Eduardo dos Santos; CAINELLI, Marlene Rosa. A história de vida como metodologia para o ensino de história. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRIA, 17, Foz do Iguaçu, 2016. **Anais...** Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/4193/78027.pdf?sequence=1&isAllo wed=y>. Acesso em: 20 jun. 2024.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 143-162, ago. 1993. Disponível em:

[https://snh2013.anpuh.org/resources/download/1348495168\\_ARQUIVO\\_revista\\_v13\\_elzainadai.pdf](https://snh2013.anpuh.org/resources/download/1348495168_ARQUIVO_revista_v13_elzainadai.pdf). Acesso em: 20 maio 2024.

OLIVEIRA, Ronaldo Marcos de. História: a necessidade de repensar o ensino de história no âmbito educacional e social. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 01, n. 05, p. 408-433, jul. 2017. Disponível em: [https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/ambito-educacional-e-social#google\\_vignette](https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/ambito-educacional-e-social#google_vignette). Acesso em: 20 maio 2024.

PENTEADO, Homero de Deus. **Metodologia do ensino de história e geografia**. São Paulo: Cortez, 1994.

RODRIGUES, Adriana Aparecida. **Metodologias no ensino de História na Educação Básica: embates e desafios**. 2018. 55 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

SANTANA, Simone Ribeiro do Nascimento. **O uso de fontes históricas como recursos para o ensino de história**. 2015. Disponível em: [www.cesadufs.com.br](http://www.cesadufs.com.br) Acesso em: 20 jun. 2024.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2010.

XAVIER, Eliane da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. **Antíteses**, Londrina, v. 03, n. 06, p. 1097-1112, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/5062> Acesso em: 20 jun. 2024.

Recebido:	07/08/2024
Publicado:	28/11/2024

---

<sup>i</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro universitário UniFatecie. E-mail: [adrysanches\\_1@hotmail.com](mailto:adrysanches_1@hotmail.com)

---

<sup>ii</sup> Doutora em Educação, Mestre em Ensino, graduada em Pedagogia e História; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia do Centro Universitário UniFatecie. Email: [adriana.rodriques@fatecie.edu.br](mailto:adriana.rodriques@fatecie.edu.br)